

Trabalhos Científicos

Título: Transmissão Vertical Do Hiv: Ainda Um Alerta De Saúde Pública No Nordeste Do Brasil Durante O Período Pós Pandemia

Autores: MARIANNE DE ARAÚJO REGO (HOSPITAL BARÃO DE LUCENA), ANA LUIZA NOGUEIRA GONÇALVES (HOSPITAL BARÃO DE LUCENA), MARIANA TAVARES PINHEIRO TELES (HOSPITAL UNIVERSITÁRIO OSWALDO CRUZ), ALEXIA LAVÍNIA HOLANDA GAMA (HOSPITAL UNIVERSITÁRIO OSWALDO CRUZ), MARIANA RAMOS ANDION (HOSPITAL UNIVERSITÁRIO OSWALDO CRUZ), ANNA SOFIA DE MOURA NÓBREGA BARROSO (UNIVERSIDADE CATÓLICA DE PERNAMBUCO), MARINA MELO LEÇA (HOSPITAL UNIVERSITÁRIO OSWALDO CRUZ), MIRELLA GUEIROS REMIGIO (HOSPITAL UNIVERSITÁRIO OSWALDO CRUZ), MAYRA DIAS CARVALHO (HOSPITAL UNIVERSITÁRIO OSWALDO CRUZ), PAULA TEIXEIRA LYRA (HOSPITAL UNIVERSITÁRIO OSWALDO CRUZ), REGINA COELI FERREIRA RAMOS (HOSPITAL UNIVERSITÁRIO OSWALDO CRUZ)

Resumo: O Brasil vem apresentando anualmente diminuição no diagnóstico de infecções pelo HIV em crianças por transmissão vertical. Esta queda é consequência de medidas realizadas envolvendo o cuidado materno-infantil, ocasionando aumento no diagnóstico durante o pré-natal, além da instituição da profilaxia precoce do HIV no intraparto e no recém-nascido. A amamentação, em qualquer período, também é considerada como nova exposição ao HIV e, se ela acontecer, a criança deve ser submetida a nova rotina de rastreamento diagnóstico da infecção pelo HIV. Descrever a prevalência de crianças expostas ao HIV, por ano, nascidas no período de janeiro/2020 a fevereiro/2024, pós-pandemia do Covid-19. Estudo transversal, descritivo, retrospectivo com pesquisa em prontuários de pacientes expostos por via vertical ao HIV acompanhados em hospital de referência em Recife. Foram incluídas crianças cuja primeira consulta foi realizada com menos de 3 meses e que estavam ou tinham realizado a profilaxia para HIV independente do momento do diagnóstico materno. De um total de 264 prontuários analisados, 143 (54,2%) foram do sexo masculino, 107 (40,5%) do sexo feminino e 14 (5,3%) não constavam os dados. No ano de 2020, 30 (11,4%) crianças foram avaliadas, não havendo positividade para HIV, em 2021, tiveram 42 (16%) crianças avaliadas, das quais apenas uma (2,3%) criança positivou para HIV. Em 2022, foram 70 (26,5%) crianças avaliadas e sem positividade para o HIV. Em 2023, 108 (41%) crianças foram analisadas, sem soroconversão para HIV e em 2024, em dois meses, foram analisadas 14 (5,3%) crianças, uma (7,1%) delas positiva para HIV. Esse estudo demonstra que ainda existem necessidades de melhorias nas políticas públicas no atendimento de pré-natal de gestantes para que haja um diagnóstico materno mais precoce materno, permitindo tanto a orientação quanto ao uso de antirretrovirais durante a gestação e a profilaxia intraparto e para o RN. É inconcebível que ainda tenhamos soroverção do HIV em crianças expostas verticalmente. Precisamos conhecer melhor a realidade de cada região para que haja melhoria nas coberturas do pré-natal para que consigamos zerar a transmissão vertical do HIV.